

Será necessário desconfiar ainda mais da douta ignorância dos experts¹

To doubt even further the doctored ignorance of the experts

EDGAR MORIN

Sociólogo e filósofo, Centre National de la Recherche Scientifique – CNRS.

RESUMO

Uma nova e douta ignorância se produz e reproduz em visões de mundo especializadas – unilaterais e redutoras. A realidade, simultaneamente, una e múltipla, é complexa. De forma que, para compreendê-la precisamos desenvolver conjuntamente o que aparece como antagonico, para os espíritos binários. O desafio reside na religação dos conhecimentos.

PALAVRAS-CHAVE: Conhecimento; Ignorância; Pensamento complexo.

ABSTRACT

A new and doctored ignorance is produced and reproduced in specialized world views – unilateral and reductive. The reality, simultaneously, one and multiple, is complex. In a way that to understand it we need to develop jointly what appears as antagonistic, for the binary spirits. The challenge lies in the reconnection of knowledge.

KEYWORDS: Knowledge; Ignorance; Complex thought.

Lamentavelmente nossos dirigentes parecem totalmente ultrapassados: hoje, são incapazes de propor um diagnóstico justo da situação e, por isso mesmo, incapazes de propor soluções concretas, que estejam à altura dos desafios. Tudo se passa como se uma pequena oligarquia, interessada unicamente em si mesma, tenha, em pouco tempo, assumido os comandos (Manifesto Roosevelt², 2012).

Um diagnóstico justo pressupõe um pensamento capaz de reunir e organizar as informações e conhecimentos de que dispomos, mas que se encontram compartimentados e dispersos.

Um pensamento como esse deve estar consciente do erro de subestimar o erro que lhe é próprio e, como afirmou Descartes, ignorar que o pensamento contém o erro. Esse pensamento deve estar consciente da ilusão de subestimar a ilusão. Erro e ilusão conduziram os responsáveis políticos e militares pelo destino da França ao desastre de 1940; conduziram Stalin a confiar em Hitler e acreditar que era necessário aniquilar a União Soviética.

Todo nosso passado, mesmo o mais recente, está repleto de erros e ilusões: ilusão de um eterno progresso da sociedade industrial; ilusão da impossibilidade de novas crises econômicas; ilusão soviética e maoísta; ilusão reinante nos dias atuais, de que a única saída da crise reside na economia neoliberal, ela mesma produtora dessa crise. Reina, igualmente, a ilusão de que a única alternativa se encontra entre esses dois erros, o erro de que o rigor é remédio para a crise e o erro de que o crescimento é o remédio para o rigor.

O erro não implica apenas uma cegueira a respeito dos fatos. O erro reside em uma visão unilateral e redutora, que não enxerga senão um elemento, um único aspecto de uma realidade que, em si mesma, é simultaneamente una e múltipla, isto é, complexa.

Tudo isso é lamentável. Nosso ensino que nos fornece amplos e múltiplos conhecimentos, nada ensina sobre os problemas fundamentais do conhecimento, que

são os riscos do erro e da ilusão. Também não ensina nada a respeito das condições de um conhecimento pertinente, empenhado no enfrentamento da complexidade das realidades.

Nossa máquina de fornecer conhecimentos tornou-se incapaz de nos fornecer a capacidade de religar os conhecimentos, fato esse que produz miopias e cegueiras nos espíritos humanos. Paradoxalmente, a separação, sem ligação dos conhecimentos, produz uma nova e douda ignorância, de amplas proporções, que se dissemina entre *experts* e especialistas, cuja pretensão é esclarecer os responsáveis políticos e sociais.

Pior que isso, essa douda ignorância é incapaz de perceber o terrível vazio do pensamento político e isso não apenas em todos os partidos políticos da França, mas também na Europa e no restante do mundo.

Principalmente nos países da *primavera árabe*, mas também na Espanha e nos Estados Unidos, vimos uma juventude animada por aspirações extremamente justas à dignidade, à liberdade, à fraternidade. Essa juventude dispõe de uma energia sociológica que foi perdida pelos mais velhos domesticados ou pelos resignados. Vimos que essa energia dispõe de uma inteligente estratégia política, que foi capaz de derrubar duas ditaduras. Mas vimos também essa juventude dividir-se. Constatamos a incapacidade dos partidos com vocação social de formular uma linha de ação, uma via, um projeto e, por toda parte, presenciamos novas regressões no próprio interior das conquistas democráticas.

Esse mal se generalizou. A esquerda é incapaz de extrair de suas fontes libertárias, socialistas, comunistas, um pensamento que responda às condições atuais da evolução e da mundialização. É incapaz de integrar a causa ecológica necessária à salvaguarda do planeta. Os lamentáveis progressos da ideologia de Vichy, que foi imposta pela ocupação estrangeira, impõem à desorganização do povo republicano de esquerda, o poder de uma França reacionária, como ocorreu na segunda guerra mundial.

Nosso presidente de esquerda, de uma França de direita, não pode recair nas ilusões da velha esquerda, nem perder qualquer substância, recentrando-se na direção da direita. Ele está condenado a se voltar para o futuro. Mas esse fato requer uma profunda reforma da visão das coisas, ou seja, da estrutura do pensamento. A partir de um diagnóstico pertinente, isso requer uma linha de ação, uma via, um projeto que reúna, harmônica e sinfonicamente, as grandes reformas que, interligadas, abririam uma nova via.

Esbocei uma proposta do que poderia ser essa linha, essa via, tanto em *A Via*, quanto em *O Caminho da Esperança*, esse último, escrito em colaboração com Stéphane Hessel, ambos publicados, em 2011, pela editora Fayard³.

Gostaria principalmente de indicar aqui que a oportunidade de uma reforma do conhecimento e do pensamento encontra-se atualmente presente. O recrutamento de mais de 6 mil professores deve permitir a formação de professores de um tipo novo, aptos a tratar os problemas fundamentais e globais ignorados por nosso ensino: os problemas do conhecimento, da identidade e da condição humanas, da era planetária, da compreensão humana, do enfrentamento das incertezas, da ética.

Sobre esse último ponto, a ideia de introduzir o ensino de uma moral laica é, ao mesmo tempo, necessária e insuficiente. A laicidade do início do século XX era fundada na convicção de que o progresso era uma lei da história humana e que ele era acompanhado do progresso da razão e do progresso da democracia.

Sabemos, hoje, que o progresso humano não é certo nem irreversível. Conhecemos as patologias da razão e podemos taxar de irracional tudo o que existe no mundo das paixões, mitos, ideologias.

Devemos retornar à fonte da laicidade, típica do espírito do Renascimento, que reside na problematização e devemos, também, problematizar o que era considerado solução, ou seja, a razão e o progresso.

O que, então, falar da moral? Para um espírito laico, as fontes da moral são antropossociológicas. Sociológicas, no sentido de que comunidade e solidariedade são, ao mesmo tempo, fontes da ética e das condições do bem-viver em sociedade. Antropológicas, no sentido de que, em si mesmo, todo sujeito humano é portador de uma dupla lógica: uma lógica egocêntrica, que o coloca no centro de seu mundo e que o conduz ao *antes de tudo eu*; e, uma lógica do *nós*, ou seja, da necessidade de amor e de comunidade, que já existe no recém-nascido e que irá desenvolver-se na família, nos grupos de pertencimento, nos partidos, na pátria.

Estamos em uma civilização na qual as antigas solidariedades degradaram-se, a lógica egocêntrica desenvolveu-se extremamente, e, na qual a lógica do *nós* coletivo subdesenvolveu-se. Por essas razões, é necessária uma educação de outro tipo; uma grande política de solidariedade deveria ser desenvolvida, comportando o serviço cívico de solidariedade da juventude de ambos os sexos, a instauração de casas de solidariedade voltadas ao socorro dos mal-estares e das solidões.

Desse modo, podemos constatar que um dos imperativos políticos é fazer tudo para desenvolver conjuntamente o que aparece como antagônico, para espíritos binários: a autonomia individual e a inserção comunitária.

Também, podemos, desde agora, perceber que as reformas do conhecimento e do pensamento constituem um preliminar necessário, mas não suficiente, para qualquer regeneração e renovação políticas, para qualquer nova via que possa enfrentar os problemas vitais e mortais de nossa época.

Podemos, enfim, perceber que, nos dias atuais, podemos começar uma reforma da educação, por intermédio do conhecimento dos problemas fundamentais que cada um de nós deve enfrentar como indivíduo, como cidadão, como ser humano. ●

NOTAS

- ¹ Tradução de Edgard de Assis Carvalho
- ² Liderado por Stéphane Hessel, em 2012, o *Coletivo Roosevelt* reuniu cerca de 40 personalidades, dentre elas, Edgar Morin, Michel Rocard, Gael Giraud, Pierre Larroufou. O *Coletivo* encaminhou ao presidente François Hollande um conjunto de quinze medidas, para serem postas imediatamente em prática, após a posse. A íntegra do manifesto pode ser acessada no site <www.roosevelt2012.fr>. (N.T.).
- ³ *O Caminho da Esperança* foi publicado, no Brasil, em 2012. *A Via* tem edição prevista para 2013, ambos pela editora Bertrand Brasil, Rio de Janeiro.